



## O TERRITÓRIO CRISTÃO NA PERSPECTIVA DAS IGREJAS EM LARES DE FORTALEZA

Christovam Reis dos Santos Filho<sup>1</sup>

### RESUMO

Apresentamos nesse texto um recorte da nossa pesquisa sobre a espacialidade vivida nas igrejas em lares, grupos de pessoas que professam a fé cristã, porém praticam seus rituais embasados na abolição do uso de templos religiosos. Particularmente para esse trabalho, buscamos responder uma das questões levantadas em nossa pesquisa: qual é a concepção de território cristão para grupos religiosos domésticos sem vínculos institucionais mediados por templos? Nosso objetivo visa compreender a prática territorial do sagrado em grupos religiosos cristãos domésticos em Fortaleza. Especificamente buscamos apontar elementos identificadores das igrejas em lares, apresentar uma possibilidade conceitual de território cristão pertinente à prática religiosa residencial e apontar o entendimento dos lares em lares acerca da relação entre território e o sagrado. Em nossa pesquisa qualitativa, a metodologia de análise se substancia em uma apreciação documental de informações obtidas consideradas de primeira mão referentes a algumas observações aos locais de reunião e entrevistas concedidas pelos participantes, além de utilizar um esteio teórico que nos auxilia na compreensão do real mediante o aspecto relacional e simbólico do território juntamente com a aproximação conceitual da geografia com o sagrado pelas lentes interativas de espaço/poder. Assim, entendemos o território cristão na perspectiva das igrejas em lares como espaço de resistência ao tripé denominacional (templo, sacerdote e dízimo) que sedimentam as relações de poder nas práticas religiosas cristãs dominantes. Usando-se dos lares, eles mostram que o espaço sagrado resulta da repetição hierofânica estabelecida pelo encontro dos fiéis para experiência transcendental.

**Palavras-chave:** Território, Espaço sagrado, Igrejas domésticas.

### ABSTRACT

Dans ce texte, nous présentons un extrait de notre recherche sur la spatialité vécue dans les églises de maison, groupes de personnes qui professent la foi chrétienne, mais pratiquent leurs rituels basés sur l'abolition de l'usage des temples religieux. Particulièrement pour ce travail, nous avons cherché à répondre à l'une des questions soulevées dans notre recherche : quelle est la conception du territoire chrétien pour les groupes religieux domestiques sans liens institutionnels médiatisés par les temples ? Notre objectif est de comprendre la pratique territoriale du sacré dans les groupes religieux chrétiens domestiques à Fortaleza. Plus précisément, nous cherchons à souligner les éléments d'identification des églises de maison, à présenter une possibilité conceptuelle de territoire chrétien pertinent à la pratique religieuse résidentielle et à souligner la compréhension des églises de maison sur la relation entre le territoire et le sacré. Dans notre recherche qualitative, la méthodologie d'analyse est basée sur une évaluation documentaire des informations obtenues considérées de première main, se référant à certaines observations des lieux de rencontre et des entretiens donnés par les participants, en plus d'utiliser une base théorique qui nous aide à comprendre le réel à travers l'aspect relationnel et symbolique du territoire ainsi que le rapprochement conceptuel de la géographie avec le sacré à travers des lentilles interactives espace/pouvoir. Ainsi, nous appréhendons le territoire chrétien du point de vue des églises de maison comme un espace de résistance au trépied dénominationnel (temple, prêtre et dîme) qui sédimentent les relations de pouvoir dans les pratiques religieuses chrétiennes

---

<sup>1</sup> Doutorando do Curso de Geografia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, [santosfilho20@gmail.com](mailto:santosfilho20@gmail.com).



dominantes. A l'aide de foyers, ils montrent que l'espace sacré résulte de la répétition hiérophanique instaurée par la rencontre des fidèles pour une expérience transcendante.

**Mots-clés:** Territoire, Space Sacré, Église domestique.

## INTRODUÇÃO

Entendendo que a geografia cultural prima pela busca dos significados, temos na contemporaneidade relações entre sujeitos cada vez mais arraigados a uma herança cultural que se confronta com a diversidade de informações acerca da realidade humana. Dentre os embates teóricos e culturais desse mundo vivido estão as questões sacro espaciais. Visto que a religião é um componente modelador de culturas e identidades, temos na relação espacial com o sagrado marcas que são espacializadas por intermédio de atuações territoriais entre sujeitos e suas tentativas de espacializar o transcendental. Consequentemente, a diversidade religiosa modela ações e visões de mundo que articulam o sagrado e a terra.

Das inúmeras práticas espaciais religiosas colonizadoras no Brasil temos a promoção do cristianismo em multiplicidade e variedade de atuações. Desde aquelas mais antigas, como o Catolicismo até outros segmentos protestantes que crescem em número de adeptos e de templos espalhados pelo país, ambos deixam seus registros presentes na paisagem.

Contudo, nessa paleta de cores identitárias de religiosidade aflora também outras maneiras de vivência com o sagrado. Apesar de certo anonimato estatístico e da indefinição oficial de sua identidade, há uma elevação no número de pessoas com religiosidade cristã sem vínculos institucionais, delimitados a grupos “sem religião”. São pessoas que tem se voltado para uma religiosidade mais individualizada ou grupal, rompendo com a estrutura cristã dominante no país desde a colonização, conforme Jacob *et al* (2003) e Fernandes (2006).

A ascensão de pessoas que tem saído da assiduidade institucional tradicional e aderido a uma prática de fé individual fora de templos religiosos tem remodelado as interações espaciais entre o transcendente e os sujeitos que o contemplam. De modo prático, essas pessoas tem usado de espaços particulares, as residências do fiéis, como local de prática cristã. Isso tem nos levado a questionar: qual é a concepção de território cristão para grupos religiosos domésticos sem vínculos institucionais mediados por templos?

Assim, nossa proposição se pauta em compreender a prática territorial do sagrado em grupos religiosos cristãos domésticos. Para isso, delineamos identificar diferenças entre cristãos templocristas (diz-se dos grupos religiosos que advogam a necessidade de um local específico planejado e construído para prática de cultos cristãos) e grupos religiosos



domésticos que se reúnem em alguns bairros da cidade de Fortaleza, apresentar uma possibilidade conceitual de território cristão pertinente à prática religiosa residencial e apontar o entendimento dos grupos domésticos acerca da relação entre território e o sagrado.

## **METODOLOGIA**

Nossa metodologia se respalda em uma aproximação documental acerca do fenômeno. Trata-se de uma descrição daquilo que o objeto de pesquisa propõe explicar acerca de sua realidade. “A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias” (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 174). No nosso caso, esses documentos são falas dos participantes das igrejas em lares ou textos não científicos usados por eles para descreverem sua postura religiosa. Entendemos que em tais fontes podemos apreender com mais veracidade o entendimento territorial do grupo.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, usamos os relatos como fonte para aproximar de maneira eficiente ao fenômeno. Assim, admitimos ir além da proposição para abordar os sujeitos, pois no

[...] caso da pesquisa qualitativa, o material é, basicamente, de natureza discursiva – um relato, uma história de vida, uma descrição de um fenômeno, cujo tratamento exige técnicas outras e as formas de representação são, sobretudo, extratos dos próprios discursos, tomados como representativos daquilo que o investigador quer expressar (TURRA NETO, 2013, p. 2, grifo do autor).

A documentação a qual nos referimos, então, podem ser baseados nos relatos ouvidos durante algumas reuniões, ou durante conversas entre os participantes das igrejas em lares, ou até mesmo algo que eles expuseram em conversas via redes sociais. Também usamos algumas falas dos participantes concedidas mediante entrevistas.

As entrevistas foram de caráter semiestrutural e compuseram parte do nosso registro daquilo que já nos era disponibilizado de modo oral ou em nossas observações de campo. Esse tipo de entrevista possui algumas facilidades, pois

As entrevistas semiestruturadas são conduzidas por roteiros previamente elaborados, que contêm informações de âmbito social, econômico e cultural [...], [No qual] o informante deve ter liberdade para responder com suas próprias palavras, ou seja, a partir de seu universo de referência e, ainda, sem a tentativa de indução de posicionamentos (SILVA e MENDES, 2013, p. 214-215).



Assim, daquilo estabelecido no roteiro, primamos pela interpretação territorial que os participantes defendem de uma igreja em lar. Focamos nosso olhar em mostrar que a vivência pregada, testemunhada e vivida nas reuniões domésticas inferem numa maneira peculiar de apreender o território. Pois mesmo que não usem o termo, ou não tenham familiaridade com a teoria geográfica sobre o assunto, eles associam sua identidade cristã com reuniões em casas como uma forma territorial de irradiar o sagrado.

Com os impedimentos derivados das políticas sanitárias de enfrentamento ao novo coronavírus, não foi possível ainda uma vivência maior com os grupos, assim nossa pesquisa priorizou o eixo documental, apesar de alguns contatos estabelecidos com algumas igrejas em lares. Com tempo ainda deficiente de aproximação, usamos pormenorizadamente os documentos que tivemos acesso para relatar o exercício religioso espacial desses grupos e assimilar conceitualmente como se definem frente a gama de segmentos cristãos existentes no Brasil e assim delimitar a quem nos referimos quando nos portamos às igrejas em lares.

Mesmo com vivência em processo de aproximação, tomamos ainda precauções a respeito de visitas, porém a vivência já existente com alguns grupos, mesmo ainda em andamento na pesquisa, nos permitiram captar suas realidades frente ao recuo do uso de templos para exercício a fé cristã. São grupos residentes na cidade de Fortaleza que por alguns anos adotam a igreja no lar como regra de fé e conduta, ou seja, muito antes da pandemia.

Assim, nossa observação em campo permitiu impressões acerca da prática de culto em casa, pois se torna ainda mais relevante frente à informação que associa o concreto com o abstrato. Sobre isso o entendimento é que “Esse simbolismo torna a observação um caminho importante para o conhecimento, pois observa o entorno toda a vida, como o mundo e as pessoas” (PEREIRA, 2015, p. 520). Os relatos ainda nos conduzem a uma interpretação mais próxima do que eles entendem qual seja o espaço sagrado que eles territorializam no exercício de sua conduta cristã.

Aliado a isso, tomamos como subsídio para apreensão do real as leituras que aportam nossa análise. São textos de autores que advogam o estudo do território em sua dimensão mais subjetiva, na qual se elevam as experiências dos sujeitos e sua relação com o mundo, por onde sujeitos e objetos atuam amalgamados pelas relações de poder que enfatizam a realidade de cada indivíduo. São textos que visualizam o território para além de uma visão política e areal do espaço, pois remetem a múltiplas variações da vivência social para apreensão do espaço enquanto relações de poder.



## REFERENCIAL TEÓRICO

Para nos auxiliar no entendimento do fenômeno, tencionamos um esteio teórico que prima pela busca do significado como “palavra-chave da geografia cultural renovada” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2008, p. 75), além de nos dar suporte quanto à relação espacial na vivência social. A profunda busca ansiando um sentido à sua existência “[...] convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social” (DARDEL, 2015, p. 6). Dessa forma, o real se substancia em meio ao processo de apropriação e ressignificação espacial.

Para a apropriação espacial é mister as relações de poder, logo consideramos importantes os estudos de Raffestin (1993) e Haesbaert (2015; 2019) sobre a visão de território em sua dimensão simbólica e perspectiva relacional. Entendendo que “toda propriedade ou apropriação é marcada por limites visíveis ou não, assinalados no próprio território ou em representação de um território” (RAFFESTIN, 1993, p. 165), este é mais que uma porção areal fisicamente delimitada, “pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural” (HAESBAERT, 2019, p. 79), visto que nas relações de poder também estão inseridos símbolos que abarcam ideias e atitudes na apreensão espacial.

Os símbolos são comunicadores que envolvem o sujeito perante outros sujeitos e os objetos que os circundam, por meio das relações de poder. “O território é constituído de espaços e lugares que possuem valores e simbolismos amalgamados, que podem ser estudados e revelados” (RISSO, 2014, p. 311), assim mais que a dominação pela força, o poder infere uma dominação pelos símbolos, os quais promovem uma interação entre sujeitos e objetos.

Na mediação dos símbolos, as relações de poder apresentam uma imaterialidade que influencia no processo de dominação entre os sujeitos. O poder simbólico inserido nessas relações “é caracterizado por uma imaterialidade, ou seja, apresenta-se em formas não visíveis: nas intenções, nos significados, nas ideologias, nas imagens e representações” (ROCHA, 2013, p. 142). A relevância dos símbolos reflete não apenas o seu caráter material, mas abarca também sua imaterialidade, pois a comunicação simbólica afeta o modo como os sujeitos interagem, sem necessariamente precisar de elementos físicos para demarcação territorial, como acontecem nas reuniões das *igrejas em lares*, pois a ausência de templos



físicos não muda a força dos símbolos, ao contrário, referenda a apropriação espacial por parte deles, já que é uma pauta que os identifica.

Por isso percebemos a importância do aspecto relacional do território, ao sugerir maior intercâmbio simbólico entre sujeitos. Nessa expectativa, os pontos de interação se elevam às áreas, suscitando um componente reticular do território. Cabe frisar que o “território construído a partir de uma perspectiva relacional do espaço é visto completamente inserido dentro de relações social-históricas, ou de modo mais estrito, para muitos autores, de relações de poder” (HAESBAERT, 2019, p. 80), ou seja, não é alimentar uma dicotomia entre ideal e material, mas associá-las como intrínsecas às relações espaciais pela ótica do poder. E os símbolos são o elo comunicativo que rompe essa separação dicotômica e justifica a relevância relacional no estudo territorial.

Essa temática fundamenta nossa pesquisa por percebermos nas igrejas em lares que o fator territorial primordial não é a área usada, mas antes os pontos conectivos entre indivíduos que compartilham a fé. Percebemos nos grupos pesquisados “o território como fruto de uma apropriação simbólica, especialmente através das identidades territoriais, ou seja, da identificação que determinados grupos sociais desenvolvem com seus ‘espaços vividos’” (HAESBAERT, 2015, p. 120). A dimensão simbólica de poder está na reunião, não no local. Ou seja, diferentemente da maioria das igrejas cristãs que se identificam com seus templos localizados na cidade ou região, as igrejas em lares se identificam na coletividade reunida e os locais nos quais se reúnem assumem uma função de base aglutinadora daquela coletividade.

Outro elemento teórico que nos permite uma ligação entre o fenômeno e seu aspecto geográfico é capacidade significativa da hierofania. Além de compreender que o espaço sagrado é um campo de forças (ROSENDAHL, 2006) e lócus de uma hierofania (ROSENDAHL, 1996), endossados por Eliade (2008) partimos da premissa que a manifestação do sagrado ocorre mediante uma seletividade intrínseca do grupo, que o comunica e o vivencia a partir de uma seleção simbólica que além de ressignificar o objeto ou local, o separa de sua função cotidiana.

A acepção territorial para o homem religioso consiste em algo que represente a atividade de contato entre o ser divino e o ser não divino. Assim, temos “o espaço sagrado, enquanto *expressão* do sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente [...]” (ROSENDAHL, 1996, p. 30, grifo nosso) e permite estabelecer uma relação de poder perante o transcendente e aqueles que compartilham dessa expressão. Geralmente acompanhada de símbolos, que são carregadores do sagrado (BRUSEKE, 2005).



Como acontece na projeção territorial, o espaço sagrado é simbolicamente comunicado e territorializado pela seletividade que o grupo atribui ao lar no momento de coletividade. A dinâmica interpretativa dos símbolos é importante para apropriação espacial do território funcionalmente sagrado. Segundo Eliade (2008, p. 364),

O símbolo não é importante apenas porque *prolonga* uma hierofania ou porque *a substitui*, mas, sobretudo, porque pode continuar o processo de hierofanização e porque, no momento próprio, *é ele próprio uma hierofania*, quer dizer, porque *ele revela uma realidade sagrada ou cosmológica que nenhuma outra “manifestação” revela* (grifos do autor).

Desse modo, cabe a nós identificar o que é a hierofania no território cristão pela perspectiva das igrejas em lares. O símbolo visível nessa relação é a reunião dos integrantes, pois individualmente cada um carrega o sagrado dentro de si, mas só torna possível de territorialização quando projetado a um território, para comunicar aos sujeitos que ali irrompe um espaço momentaneamente diferente do cotidiano.

Numa relação de poder mediada por símbolos o espaço sagrado é entendido como um

[...] um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade (ROSENDAHL, 2006, p. 122).

As relações de poder se estabelece na comunicação desses símbolos, mitos e ritos por esse “campo de forças”, o que nos leva a apreciar o termo como meio de territorialização. Isso se mostra evidente porque a força aqui tratada são interpretações selecionadas pelo homem religioso em busca de seu contato transcendental, no qual encontrará resistências e acomodações para aquilo que projeta e apropria no espaço. Assim, o território é “funcional e simbólico, pois todas as relações de poder têm no espaço um componente indissociável tanto na realização de ‘funções quanto de ‘significados’” (HAESBAERT, 2014, p. 60). O campo de forças pode ser material ou não, mas implica sempre em uma relação de poder, no qual o homem religioso utiliza como meio de transportar aquilo que admite ser um elo com o sagrado.

Olhando nosso objeto de estudo, percebemos nas reuniões domésticas uma ressignificação espacial decorrente de uma hierofania. O encontro entre fiéis faz da casa naquele momento um espaço sagrado, territorializado pela congregação de pessoas conectada espacialmente. Concordamos que “através do agente religioso (o fiel ou grupo) que são espacializadas as dimensões religiosas; a partir do sentir, mediado simbolicamente, se constroi



a realidade religiosa” (PEREIRA, 2014, p. 278). A casa, então, é o elemento visível da igreja, na qual se visualiza as pessoas reunidas a um propósito comum. A seletividade do espaço sagrado ocorre então de modo fluido, desfigurando-se de sua sacralidade no momento em que a igreja se dissipa.

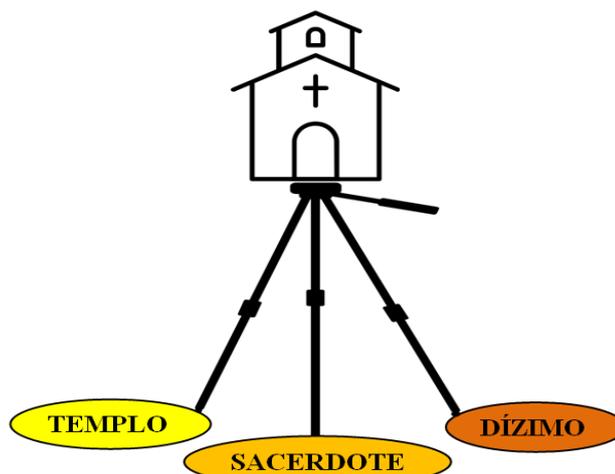
Sobre as igrejas em lares houve algumas teorizações ainda iniciais que descrevem o sentimento que os participantes carregam quanto a sua prática de fé. São idealizações teóricas que enfatizam sobretudo o que chamamos de *tripé denominacional*, substanciados em três atributos rejeitados pelos participantes: templo, sacerdote e dízimo. Entendemos que a recusa desses três elementos são essenciais para apreensão da mudança territorial acionada por aqueles que aderem os cultos domésticos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Enquanto a pesquisa segue em andamento, temos algumas considerações mediante o aporte teórico supracitado e os momentos de vivência com os grupos. A dimensão espacial da religião tem conhecido novas alternativas de vivência da fé cristã nos últimos anos. Essa se caracteriza pelo desapontamento de pessoas com as religiões templocêntricas, isto é, instituições religiosas que se promovem e apropriam espaços pelo uso de templos. Estes são vinculados a um processo de territorialização areal que perpetua o poder entre as instituições cristãs.

Estas instituições religiosas são pautadas em uma prática religiosa espacialmente efetivada no tripé denominacional. Este se adjetiva por uma lógica tríplice formada por templo-sacerdote-dízimo que perpetua o poder de uma classe religiosa dominante representada pelos líderes de instituições espirituais e que usam do templo para administrar os bens simbólicos religiosos além de enaltecer um discurso de perseverança da fé mediante doações para cobrir ônus dos templos, conforme a figura a seguir:

Figura 1 - Tripé denominacional das igrejas cristãs



Fonte: Elaborado pelo autor.

O discurso dos participantes das igrejas em lares em rejeitar o tripé denominacional é evidente nos contrapontos que eles fazem sobre o templo, sacerdote e dízimo. Enquanto a Igreja Católica assume o templo como habitação de Deus e algumas igrejas protestantes assumem como ponto de apoio comunitário, as igrejas em lares percebem um retrocesso o uso das edificações religiosas, pois isso é um resquício daquilo que era para o povo judeu. Ou seja, além de não ser algo sagrado, ao contrário, é algo fora do entendimento que essas pessoas defendem como sagrado.

É constante entre os participantes da pesquisa a alegação de que o templo não é essencial para o uso cristão na contemporaneidade. Ao serem perguntados sobre o que entendem acerca do templo as respostas foram:

#### Quadro 1 – Análise dos cristãos em lares acerca dos templos religiosos

Pessoas	Respostas
Entrevistado 1	“[...] foi uma constituição humana”.
Entrevistado 4	“O templo que tanto Jesus falou pregou é pra gente entender mesmo como nosso corpo”.
Entrevistado 5	“[...] o templo é um espaço físico o verdadeiro templo é espiritual”.
Entrevistado 6	“[...] o templo nada tem influência nem na salvação, nem na comunhão entre irmãos, né”.
Entrevistado 8	“O templo é o nosso corpo, tá muito claro que não é uma cadeira nem uma construção”.

Fonte: Elaborado pelo autor, com trechos transcritos das entrevistas.

Na visão das igrejas em lares, a relação de poder não se materializa na construção de um local para a igreja, pois a própria coletividade compõe um território ao de reunirem, por



isso a casa se transforma num espaço sagrado, pois a coletividade repete a hierofania primordial, a saber, a presença de Cristo pela igreja.

Para as igrejas em lares, o território sagrado é a congregação dos fiéis, independente do espaço físico que adotam, contudo há uma atitude coletiva que assume a casa como local apropriado para devoção. Entendendo que o “território se apresenta impregnado de significados, símbolos e imagens” (ROSENDAHL, 2012a, p. 51), a casa aparece como imagem territorial devido à interpretação de alguns relatos bíblicos, os quais registram as primeiras comunidades cristãs reunidas em casas, além do contraponto ao Templo de Jerusalém, representante físico da religião e povo judeu. As igrejas em lares vivenciam, segundo eles, o verdadeiro templo, que são os próprios fiéis. Em outras palavras,

Jesus destruiu o conceito de templo (a sombra) ou qualquer outro lugar tido como sagrado e edificou em nós a Sua casa (real). Esta era exatamente uma das partes da Sua missão e ministério ao vir como homem a este mundo. Tal intenção está explícita em suas palavras quando em determinado momento declarou para alguns discípulos referindo-se ao templo, que deste não ficaria pedra sobre pedra (SILVA, 2009, p. 55).

Além dos templos, as igrejas em lares são contra seus administradores. A crítica principal se substancia no fato de algumas pessoas exercerem um poder polarizado frente aos demais, subjulgando os membros a posições inferiores, enquanto se promovem por meio de cargos religiosos, como padres, pastores, presbíteros, diáconos, etc. Estes cargos assumem a responsabilidade e gerência dos templos religiosos, perpetuando uma distinção teológica entre os detém o capital religioso e os leigos, nos moldes relatados abaixo:

A gestão do depósito de capital religioso (ou sagrado), produto do trabalho religioso acumulado e o trabalho religioso necessário para garantir a perpetuação deste capital garantindo a conservação ou a restauração do mercado simbólico em que o primeiro se desenvolve, somente podem ser assegurados por meio de um aparelho de tipo burocrático que seja capaz, como por exemplo a Igreja, de exercer de modo duradouro e ação contínua (ordinária) necessária para assegurar sua própria reprodução ao reproduzir os produtores de bens de salvação e serviços religiosos, a saber, o corpo de sacerdotes, e o mercado oferecendo a estes bens, a saber, os leigos como consumidores dotados de um mínimo de competência religiosa (hábitus religioso) necessária para sentir a necessidade específica de seus produtos (BOURDIEU, 2007, p. 59).

Como se pode observar, a gerência do capital religioso um local para administrar, assim a ligação entre templo e sacerdote é explícita e isso é o ponto de crítica por parte dos participantes das igrejas em lares. Eles alegam que a hierarquia dentro da igreja não é lícita, conforme as respostas seguintes:



### Quadro 2 – Proposições sobre cargos eclesiais na igreja

Pessoas	Respostas
Entrevistado 1	“Eu acredito que não seja necessário, porque todos os irmãos que professam a fé tem, tem autoridade uns sobre os outros porque não deve se existir uma hierarquia, [...]”.
Entrevistado 2	“Eu sou contra e qualquer livro que eu abro e tem uma pirâmide e tem algum eclesial na cabeça”.
Entrevistado 4	“vejo como empresas, dentro como empresas [...] com cargos onde cada um que trabalha tem seu cargo, são nível de cargos, quem tá em cima [como] uma pirâmide”.
Entrevistado 6	“os cargos são uma das piores coisas pro testemunho cristão, porque a partir dos cargos e as diferenças entre pessoas que estão acima dos outros, isso vai contra a doutrina”.
Entrevistado 7	“esse cargo começou a servir para dar carteirada”.

Fonte: Elaborado pelo autor, com trechos transcritos das entrevistas.

Pelas falas registradas se pode ver o desprezo às funções hierárquicas praticadas nos templos cristãos. São funções formalizadas para quem usa os templos, não sendo necessárias para quem promove o território nos lares cristãos, por isso refutam a existência desses cargos.

Além disso, a manutenção desse capital gerado na relação territorial entre templo e sacerdote se concretiza pelas contribuições financeiras conhecidas por dízimo, a terceira haste do tripé e também rechaçada nas igrejas em lares. Cabe deixar claro que o montante financeiro que circula dentro das denominações religiosas oriunda de uma troca simbólica entre os detentores do discurso e os fiéis. O propósito de doar dez por cento do que o fiel ganha (significado que o fiel entende da palavra dízimo) geralmente é atribuído ao custeio da manutenção do templo e salários dos profissionais religiosos.

Pelo fato das igrejas em lares não possuírem templos religiosos e nem pagam salários aos profissionais da fé, logo o dízimo se torna algo irrelevante na prática religiosa doméstica. Isso permite aos fiéis exercerem livremente o uso monetário, o que gera uma postura de resistência perante as denominações cristãs mais tradicionais e/ou numerosas. Além do fator econômico, a resistência de usar o dízimo nos lares também reflete os princípios que os fazem rejeitar os templos. Ao tratar do assunto, os participantes alegam que:

### Quadro 3 – Compreende acerca do dízimo bíblico nas igrejas em lares

Pessoas	Respostas
Entrevistado 2	“ele [Deus] não mandou, não autorizou e nem publicou que nós, que estamos agora, pra pagar dízimo”.
Entrevistado 3	“é uma coisa contraditória porque o dízimo fez parte da antiga aliança e Cristo completou né?”.
Entrevistado 5	“hoje o dízimo, no que diz respeito aos dez por cento do dinheiro para a igreja, ele de certa



	forma não é bíblico”.
<b>Entrevistado 6</b>	“é algo não praticável até porque naquela época era dado para sustento dos levitas (eram os sacerdotes da época de Moisés, relatado no Velho Testamento)”.
<b>Entrevistado 7</b>	“os judeus convertidos ao cristianismo já não tinha mais que retornar com dízimo aos templo, né, então ali encerrou”.

Fonte: Elaborado pelo autor, com trechos transcritos das entrevistas.

Ou seja, segundo o entendimento dos participantes das igrejas em lares, a contribuição monetária obrigatória chamada dízimo possuía um propósito específico e para outra época, mas atualmente é usado para sustentar o poder dos líderes eclesiásticos e custear os templos. Isso é combatido, de modo a identificarmos nas reuniões domésticas um território sagrado em busca restauração prática de alguns relatos bíblicos.

Portanto, a rejeição aos fundamentos do tripé denominacional traz às igrejas em lares uma postura de resistência perante a religião dominante. Essa resistência é visível pelo território simbólico que assumem ao de identificarem como “pedras vivas”, isto é, os participantes são eles próprios o templo e morada de Deus, simbolicamente espacializados em reuniões domésticas. Ao responderem sobre o conceito de igreja eles transparecem essa relação. Eles dizem que:

#### **Quadro 4 – Definição de igreja para os cristãos domésticos**

<b>Pessoas</b>	<b>Respostas</b>
<b>Entrevistado 3</b>	“a igreja é (pausa) não é um edifício construído né, mas são pessoas são pedras vivas né”.
<b>Entrevistado 4</b>	“a concepção de igreja que tenho que a igreja sou eu, sou eu o meu corpo junto com o corpo da minha irmã, da minha mãe, da minha outra irmã, nós formamos a igreja”.
<b>Entrevistado 5</b>	“a palavra igreja hoje no contexto espiritual seria a reunião dos santos que se reúnem ali em volta do senhor”.
<b>Entrevistado 7</b>	“nós somos igreja quando nos reunimos é um grupo que está reunido é igreja para adorar para orar para fazer um cerimonial”.
<b>Entrevistado 8</b>	“a igreja é o corpo de Cristo, é o corpo. No corpo como templo é o corpo, no caso a igreja é a junção de pessoas, esse corpo é igreja, onde tiver dois ou três Jesus estará lá e ali é a igreja”.

Fonte: Elaborado pelo autor, adaptado das transcrições das entrevistas.

Os participantes nos mostram a defesa de uma relação de oposição ao templo quando definem a igreja. Para eles os templos não podem ser associados a um território cristão, pois a igreja é fluida e visível pela congregação de fiéis, logo a casa é apenas um receptáculo do sagrado, porém importante para sinalizar e representar a oposição territorial que advogam.

As igrejas em lares assimilam o território sagrado como alternativa para promoção de uma fé baseada em vivências, e não na disseminação estrutural de templos. Ou seja, são



peças contra o tripé denominacional ao professarem uma fé pactuada na força da coletividade, divergindo da hierarquia composta de administradores do templo sobre os fiéis, entendimento este que remete ao sagrado por uma relação de poder centralizada no corpo eclesiástico.

Por conseguinte, entendemos que as igrejas em lares são coletividades de resistência no tocante à religiosidade dominante. Percebemos em suas práticas que “na concepção pós-moderna, o poder do sagrado estaria dentro do crente, no domínio da emoção e do ser espiritual, mas só se manifestaria na vivência espiritual do espaço sagrado” (ROSENDAHL, 2012b, p. 78), para eles entendido como fora dos templos, usando as casas como espaços de resistência. Resistir é um dos elementos territoriais, uma vez que o território é composto por relações de poder que não se harmonizam rigidamente, mas se moldam por uma constante idealização de equilíbrio entre quem apropria o espaço e quem dele é reapropriado. Isso significa que um território é constantemente ressignificado por aqueles que se apropriam do espaço. Aos dominados, resta à tentativa de reversão desse cenário por meio da resistência do que está posto.

As igrejas em lares resistem ao território templocêntrico. O templocentrismo advoga o tripé denominacional, um espaço sagrado regido por aqueles que defendem o exercício do sagrado dentro de ambientes delimitados e previamente preparados para fins religiosos. Em contraponto, as igrejas em lares “buscam a construção de territorialidades alternativas em que a concepção de território é reelaborada a partir de suas próprias experiências vividas” (HAESBAERT, 2014, p. 63), ou seja, o território é consagrado mediante o encontro de pessoas que compartilham da mesma crença, dispensando quaisquer edifícios exclusivamente para tal fim, abrangendo outros locais sobretudo as residências das próprias pessoas.

Podemos dizer que o sagrado para os grupos domésticos pode ser conformado pelo conjunto acordado de experiências sobre o espaço, do qual se apropriam simbolicamente. Lembremos que “não se trata de remeter a ideia de espaço a um determinado lugar organizado institucionalmente ou onde uma hierofania erigiu seu sentido; mas, sim, de partir de experiências religiosas [...] capazes de organizar e conformar uma dimensão específica do vivido” (PEREIRA, 2014, p. 237). Essa dimensão aborda a apropriação do espaço com símbolos que comunicam que aquele local é um território, cujo poder é vivido pelo grupo e acordado ser oriundo de uma relação transcendental.

A sacralidade do lar está atrelada ao momento de encontro, por meio do convívio experienciado, na qual mantenha uma “solidariedade mística com o território” (ELIADE, 2008, p. 297). Assim as igrejas em lares repetem a hierofania principal do grupo que a



máxima bíblica usada nos grupos: “onde estiver dois ou três em meu nome [nome de Jesus], ali eu estou no meio deles” (BÍBLIA SAGRADA, Mateus, 18, 20). O território cristão na perspectiva das igrejas em lares de Fortaleza infere em um espaço fluido e vivenciado por relações de poder que expressam a identidade do grupo, resistindo à hegemonia religiosa dominante que se pauta no tripé denominacional, no qual o templo é o ponto articulador da dimensão simbólica espacial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo em questão está ainda em andamento, mas os resultados até aqui obtidos e compartilhados mostram a particularidade de vivenciar o sagrado em meio as relações de poder existentes no cenário religioso. A maioria das experiências e convicções cristãs se molda espacialmente pela fixidez da manifestação do sagrado, estruturado nas igrejas cristãs por meio de templos religiosos nos quais assimilam ser a morada divina ou então um elemento conectivo entre os crentes a Deus. Contudo, há resistências a essa maneira de percepção do sagrado elevadas pelo maior acesso e divulgação de alternativas de vivenciar o sagrado, entendido hodiernamente como algo interior ao fiel, mas que se torna coletivo pelo acordo comum acerca dos símbolos por eles comunicados.

A expressão do sagrado pelas igrejas em lares é fundamentalmente uma demonstração da importância que a dimensão espacial tem na vida de seus participantes para compreensão do real. Assumem uma postura crítica frente a dominação religiosa ainda persistente, o que eleva as relações de poder existentes dentro do campo religioso. A geografia tem auxiliado na compreensão dessa prática religiosa, mostrando que o espaço sagrado pode ser entendido para além de uma estrutura física, mas também por intermédio de seus agentes que trazem à sua experiência religiosa alternativas de apresentar a realidade por eles compreendida.

Sabemos que apesar de obter alguns frutos, essa pesquisa pode ainda ter mais elasticidade, pois a discussão acerca do território numa perspectiva mais centrada nos sujeitos tem sido próspera e necessária. O espaço visto pela ótica do poder é um estudo já sólido no campo geográfico, porém há mais elementos estudados quando inserimos um olhar humanista e cultural no esteio relacional do território. Entendemos que nossa colaboração pode ser acrescida por meio de outros estudos acerca do tema.

Também entendemos que a aproximação com outros campos da ciência é fundamental para enriquecer o debate e expor o olhar geográfico existente nos fenômenos. Acreditamos que abrir as gavetas da universidade e unir esforços entre a geografia, as ciências sociais, a



história, a ciência da religião, entre outras podem abrir portas para estudos mais ricos e complexos e esperamos que as igrejas em lares possam ser analisados e aprofundados por essa convergência epistemológica para somar com aquilo que já iniciamos.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia Sagrada**: nova versão internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2002.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRUSEKE, F. J.. O sagrado na modernidade técnica. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 6, n. 70, p. 2-21, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/2188/4452>. Acesso em: 28 set. 2019.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z.. A geografia cultural brasileira: uma avaliação preliminar. **Revista da ANPEGE**, [s.l.], v. 4, n. 4, p. 73-88, 2008. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6600/3600>. Acesso em: 13 maio 2021.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. 3. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.

FERNANDES, S. R. A.. Sem religião: a identidade pela falta? In: FERNANDES, S. R. A. (org.). **Mudança de religião no Brasil – desenvolvendo sentidos e motivações**. São Paulo: Palavra e Prece, 2006, p. 107-118.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. 3. ed. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2015.

HAESBAERT, R. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

JACOB, C. R. et al. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PEREIRA, C. J. **Geografia da Religião e a teoria do espaço sagrado: a construção de uma categoria de análise e o desvelar de espacialidades do protestantismo batista**. Curitiba, PR: CRV, 2014.



PEREIRA, R. A.. Espaço sagrado: a relação da etnografia e da dialética no estudo geográfico. **Okara: geografia em debate**, João Pessoa, PB, v. 9, n. 3, p. 509-523, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/okara/article/view/26304/14683>. Acesso em: 11 jun. 2020.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RISSE, L. C. Os conceitos de percepção e território como lentes para o entendimento cultural. **Terra Plural**, Ponta Grossa, PR, v.8, n.2, p. 309-319, 2014.

ROCHA, A. S. Território como Representação. **Mercator**, Fortaleza, v. 12, n. 29, p. 139-153, 2013. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/787>. Acesso em: 15 set. 2021.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

ROSENDAHL, Z. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim dos século**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2006, p. 119-153.

ROSENDAHL, Z. **Primeiro a obrigação, depois a devoção: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012a.

ROSENDAHL, Z. O sagrado e sua dimensão espacial. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2012b.

SILVA, J. M.; MENDES, E. P. P.. Abordagem qualitativa e geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. In: MARAFON, G. J., et al. (orgs.). **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas** [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 207-221. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/hvsdh/pdf/marafon-9788575114438-13.pdf>. Acesso em: 01 maio 2020.

SILVA, L. **A igreja de casa em casa**. Casa Editora e publicações: Balneário Piçarras, SC, 2009.

TURRA NETO, N.. Pesquisa qualitativa em geografia. **ResearchGate**, [s. l.], [s. n.], p. 01-10, 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/236848335\\_Pesquisa\\_Qualitativa\\_em\\_Geografia](https://www.researchgate.net/publication/236848335_Pesquisa_Qualitativa_em_Geografia). Acesso em: 20 maio 2019.